

Geração perdida: Pandemia fará economia ter pior desempenho em 120 anos, com ameaça a futuro dos jovens

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Crise dificultará emprego e renda da geração mais instruída que já chegou ao mercado de trabalho no Brasil

Rennan Setti, Cássia Almeida e Vitor da Costa*

RIO - Décadas “perdidas” desperdiçam gerações, e os jovens brasileiros se veem espremidos entre a mais perdida delas e um futuro incógnito. É na década que termina este ano que o país estagnou e sofreu o maior recuo de renda de sua História. A retomada lenta após recessão profunda foi atropelada pela pandemia, selando um desastre econômico maior que o dos anos 1980 e que deixou um quarto dos jovens sem trabalho.

Pela frente, especialistas preveem uma recuperação incerta sob a sombra do coronavírus, desemprego e desigualdade mais elevados e freio à mobilidade social. Um coquetel desalentador para a juventude mais preparada que o país já teve, sobretudo a mais pobre, e que atravessará a crise no auge do seu potencial.

O PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro nesta década, entre 2011 e 2020, praticamente não cresceu. Deve fechar este ano com taxa média de 0,1% a 0,3%, dependendo do buraco econômico provocado pela Covid-19 este ano. Será o menor ritmo em 120 anos, segundo levantamento do pesquisador do Ibre/FGV Marcel Balassiano.

Na década iniciada em 1981 e encerrada em 1990, a pior até agora, a expansão média fora de 1,6%. A renda per capita, que é o PIB dividido pela população, deve, na melhor das hipóteses, repetir o recuo anual médio de 0,6% dos anos 1980.

—É a mais perdida das décadas. Parte do desastre foi culpa nossa, outra, da pandemia. O Brasil ficará mais pobre depois de já ter empobrecido muito. Sairemos com mais cicatrizes que os países desenvolvidos — prevê Ricardo Denadai, economista-chefe da Ace Capital.

Educação como defesa

A geração mais jovem viverá num mundo mais precário e inseguro, sobretudo os mais pobres, disse Ricardo Henriques, superintendente do Instituto Unibanco e um dos criadores do Bolsa Família:

— Passada a pandemia, essa juventude viverá um cenário grave de defasagem educacional, de inserção futura no mercado de trabalho. Parte grande desses jovens estará com expectativa máxima de trabalho informal. Uma geração de jovens que entraram com defasagem histórica na pandemia. É uma enorme perversidade.

Os mais desfavorecidos ainda não se recuperaram da recessão. Enquanto a renda da população caiu 2% de 2014 a 2018, os 5% mais pobres perderam 39%, lembrou Marcelo Neri, diretor da FGV Social. Por isso, a desigualdade cresceu por 18 trimestres seguidos, sequência inédita.

Os mais jovens foram especialmente afetados. A taxa de desemprego até 24 anos subiu de 16,4%, em 2012, para 28,7% em 2017, auge da recessão. No fim de 2018, estava em 23,8%, contra média de 11%.

Neri prevê mais desigualdade, queda de renda e freio à ascensão social dos jovens:

— A crise chega quando o país já estava com o organismo social debilitado. Poderemos voltar aos índices de pobreza dos anos 1990.

Em 1992, 40% da população estavam na pobreza. Essa taxa caiu para 12,1% em 2018.

“A situação deixa a gente pessimista. Mas, para quem vem de classe social mais baixa, o estudo é uma oportunidade de mudar de vida”

ISABELA SILVA, 24 ANOS
Estudante de pedagogia

Uma das defesas da nova geração é a educação. O especialista em mobilidade social Carlos Ribeiro, pesquisador do Iesp-Uerj, diz que, mesmo com a crise, os jovens de hoje dificilmente ficarão numa situação pior que a dos seus pais.

— A educação aumentou, temos mais gente na universidade, o que ajuda na mobilidade intergeracional. Sabemos da importância da educação das mães para o futuro dos filhos. Elas são mais escolarizadas, isso não vai mudar.

O risco que correm, alertou Ribeiro, é o de regressão intrageracional intensa, com famílias inteiras empobrecendo.

Taxas médias reais de crescimento do PIB

por década (%)



Fonte: Estudo de Marcel Balassiano, pesquisador do Ibre/FGV, com base em dados do IBGE e do Ipea

*Considera projeção do Ibre/FGV de recuo de 3,4% do PIB este ano

** Considera projeção do FMI de recuo de 5,3% do PIB este ano

O GLOBO

Foto: Editoria de Arte

Perda rápida de renda

Isabela Silva, de 24 anos, é a primeira da família a cursar faculdade. Graças ao sistema de cotas, conseguiu vaga na Uerj, onde cursa Pedagogia. Isso lhe dá otimismo. Mas a situação econômica da família se deteriorou. Cuidadora de idosos, sua mãe, que já vinha perdendo clientes antes da pandemia e não tinha carteira assinada, não consegue mais trabalhar.

A renda familiar, que chegou a R\$ 4.500, resume-se a R\$ 900 que a própria Isabela consegue cuidando do afilhado. Apesar de terem direito ao auxílio do governo, não conseguiram acessar o dinheiro. No passado, mãe e filha deram entrada num imóvel, já abandonado. Hoje, a renda só dá para aluguel e comida.

—A situação deixa a gente pessimista. Mas, para quem vem de classe social mais baixa, o estudo é uma oportunidade de mudar de vida. Tendo a faculdade, a tendência é melhorar — contou a jovem de Paciência, na Zona Oeste.

A professora da Universidade Federal de Pernambuco, Tatiane Menezes, alerta para o aumento da desigualdade regional, que vinha recuando.

—Os grandes bolsões de pobreza estão no Nordeste. É onde está a maior parte da população sem boa instrução.

Para Neri, a saída é apostar no bônus educacional acumulado no passado recente. Foi ele que permitiu crescimento inclusivo antes da recessão:

— Com restrições fiscais, será preciso alocação muito clara de recursos. O problema é que a política educacional atual não parece ter essa clareza.

Ricardo Henriques defende a reabertura do sistema educacional e uma política nacional de conectividade focada nas escolas, usando o Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust). O acesso à internet das famílias mais ricas chega a 95%. Entre os mais pobres, só metade dos lares tem acesso.

— O desafio é oferecer qualidade em massa, com redução acentuada da desigualdade e salto no desempenho.

O investimento em educação é um dos caminhos para aumentar a produtividade.

— O aumento da produtividade passa pelas reformas, mas o recrudescimento das tensões políticas deixa isso em xeque — disse Balassiano.

O que dizem os jovens
Lucas Portugal, 20 anos



Lucas Portugal, 20 anos, desempregado, sonha em fazer faculdade Foto: Fabio Rossi / Agência O Globo

Há dois anos, um drama doméstico atrapalhou os planos de Lucas Portugal de se tornar o primeiro da família a cursar faculdade. O jovem, então com 18 anos, teve que sair de casa após se desentender com os pais por ser homossexual. Precisando gerar renda para pagar seu próprio aluguel, teve que abandonar o pré-vestibular comunitário e buscar um emprego.

“Onde fui criado, a gente sempre foi ensinado a terminar a escola e procurar emprego. Minha geração está quebrando isso, estamos procurando outros espaços”

LUCAS PORTUGAL, 20 ANOS
Desempregado, sonha em fazer faculdade

Conseguiu uma vaga de vendedor nas Lojas Americanas, seu primeiro emprego com carteira assinada. Recebia pouco mais de um salário mínimo com as horas extras, suficiente para pagar a vaga em uma república. Após um ano, porém, a unidade fechou, e ele se viu desempregado - justamente quando não havia vagas abertas para quase ninguém.

—Tentei de toda forma conseguir uma vaga de jovem aprendiz para retomar os estudos, mas não encontrei — lamenta Portugal, que sempre estudou em escola pública.

Desde então, Portugal mora com a avó, em Padre Miguel, Zona Oeste, e faz bicos como fotógrafo e maquiador, mas a renda é incerta. Retomou o pré-vestibular comunitário no início do ano, mas a rotina de aulas mudou com a pandemia.

— Estou tentando acompanhar as aulas pela internet, mas é um desafio muito grande para a gente e para os professores. Mas é o jeito, não tenho como pagar uma faculdade — conta ele, que quer se tornar jornalista. — Quero conseguir o feito de ser o primeiro da família a fazer faculdade. Onde fui criado, a gente sempre foi ensinado a terminar a escola e procurar emprego. Minha geração está quebrando isso, estamos procurando outros espaços.

Enquanto isso, sua ansiedade aumenta:

— O desemprego vai aumentar e ficará mais difícil fazer planos. Queria conseguir um emprego com carteira no futuro, mas acho que vai ser cada vez mais raro.

Bárbara Pinheiro, de 22 anos



Bárbara Pinheiro, 22 anos, universitária Foto: Fabio Rossi / Agência O Globo

Mesmo recebendo um salário de apenas R\$ 420 em um estágio na prefeitura, Bárbara Pinheiro, de 22 anos, é uma das que sustentam a casa em Irajá, Zona Norte. Ela mora com a avó, pensionista, e com a mãe, que não pode trabalhar por causa de uma fibromialgia.

Só consegue cursar a faculdade de Pedagogia na Estácio graças a uma bolsa de 100% obtida no Prouni. O sonho de fazer uma faculdade pública não se concretizou mesmo tendo sido aprovada para Ciências Sociais na UFF, em Niterói. Era longe demais para ela, que precisava trabalhar como jovem aprendiz em Botafogo, Zona Sul do Rio.

“Prefiro me manter otimista para não surtar. Na realidade, não sei como vai ser. É uma incógnita”

BÁRBARA PINHEIRO, DE 22 ANOS
Estudante de pedagogia

O objetivo agora é ser professora. A experiência como mediadora de alunos autistas na rede municipal é recompensadora, ela adora. Mas a estrutura é precária, e o salário é bissexto, nem sempre cai na conta. Os concursos públicos, ela sabe, parecem cada vez mais escassos, e a capacidade dos governos daqui para frente ficará ainda mais comprometida por causa dos efeitos do coronavírus.

— Daqui a dez anos, quero muito estar casada, com filhos, realizada com meu emprego. Quero ganhar o suficiente para ajudar minha família. Mas a verdade é que eu prefiro me manter otimista para não surtar. Na realidade, não sei como vai ser. É uma incógnita — lamenta.

Julianna Wanderley Paes, 25 anos



Prestes a se formar em Relações Públicas na Uerj, Julianna Paes, de 25 anos, viu a renda da família diminuir conforme a piora do mercado de trabalho afetava o emprego dos pais, ambos administradores.

O primeiro a perder emprego, ainda em 2013, foi o pai. Sem conseguir se reposicionar, tornou-se autônomo. No auge da crise, sua mãe foi demitida após 15 anos empregada e ficou um ano à procura de uma nova posição. Quando achou, o salário era menor.

“É complicado começar em um ambiente caótico. Não sei se haverá muitas oportunidades”

JULIANNA WANDERLEY PAES, 25 ANOS
Estudante de Relações Públicas

É esse tipo de instabilidade que Julianna teme enfrentar na carreira que começará em breve, ainda mais tendo que iniciá-la justamente quando a economia estará lidando com as consequências de uma pandemia. Com a doença, aliás, a estudante sequer tem certeza de que conseguirá se formar este ano

— É complicado começar em um ambiente caótico. Não sei se haverá muitas oportunidades. Terei que ter muita paciência — admite Julianna, moradora da Tijuca, Zona Norte.

Sílvia Campos, 19 anos



Sílvia Campos, 19 anos, estudante de Direito, teme a falta de oportunidades no país Foto: Arquivo pessoal / Arquivo pessoal

Filha de um juiz e de uma funcionária pública aposentada, Sílvia Campos sabia desde cedo que, para se destacar como advogada, a universidade seria etapa crucial. Assim que se formou na escola, mudou-se sozinha de Cuiabá para São Paulo para cursar pré-vestibular e tentar uma vaga na Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio, uma das faculdades mais exclusivas do país.

“Reconheço que venho de uma família extremamente privilegiada, mas também tenho consciência de que o Brasil passa por grandes dificuldades. O desemprego enorme assusta”

SÍLVIA CAMPOS, 19 ANOS
Estudante de Direito

Foi aprovada e hoje cursa o terceiro período de Direito. Antes que o curso começasse, Sílvia ainda aprimorou o currículo com um intercâmbio em Nova York para afiar o inglês, que, ela sabia, também seria determinante na carreira.

Mesmo acessando uma educação de elite, Sílvia se preocupa com o futuro, porém.

— Reconheço que venho de uma família extremamente privilegiada, mas também tenho consciência de que o Brasil passa por grandes dificuldades. O desemprego enorme assusta. Na carreira que escolhi, há uma massa enorme de advogados. Tudo isso me preocupa — conta a jovem de 19 anos.

Mas Sílvia acredita que dificilmente faltarão oportunidades para alguém com sua formação:

— O que me dá segurança é que eu vou ter um excelente diploma e tenho potencial e repertório. O Brasil vai continuar precisando de bons profissionais.

Para alguém com suas possibilidades, a abrangência de oportunidades é também maior que o Brasil. Daqui a um ano, seu plano é fazer mais um intercâmbio nos EUA. Depois de formada, o exterior também é uma possibilidade profissional.

—Tenho um desejo muito grande de seguir uma carreira fora, pelo menos por um período. A pandemia faz com que a gente questione tudo, mas esse é, sim, um caminho — afirma.

*Estagiário sob supervisão de Rennan Setti